

APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÃO - 08 - TRÁFICO, ROTAS, GENTES,
CONVÉS E PORTOS: HISTÓRIAS AFROATLÂNTICAS (ALDAIR RODRIGUES
- UNICAMP)

**A APOSTA BENEDITINA NO TRÁFICO ATLÂNTICO DE ESCRAVIZADOS
(RIO DE JANEIRO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX)**

Vitor Hugo Monteiro Franco (vt.monteirofr@gmail.com)

Nas primeiras décadas do século XIX, os monges beneditinos faziam parte da ordem religiosa mais rica e poderosa do Império do Brasil. Tamanha riqueza tinha origem na exploração do trabalho dos chamados Escravos da Religião. Eles trabalhavam nas mais diversas funções, e estavam distribuídos em engenhos, olarias, fazendas de mantimentos, e na própria abadia carioca. Só na província do Rio de Janeiro, eles chegavam a ser mais de mil, entre africanos e crioulos. Isso deixava os beneditinos próximos ao topo da elite escravista não só da província fluminense, mas brasileira. Conhecidos como hábeis senhores de terras e escravizados, uma das vias utilizadas por estes clérigos para a reprodução dos escravizados foi, desde o século XVI, o tráfico transatlântico de africanos. Contrariando uma ideia bastante recorrente na historiografia nacional de que as ordens religiosas se valeram unicamente da reprodução natural para aumentar suas escravarias.

A presente comunicação tentará compreender como a Ordem de São Bento se comportou no período de iminente fechamento do tráfico, entre as décadas de 1820 e 1830. Momento chave na história do Brasil recém independente e em que a escravidão estava em franco crescimento. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, entre os anos de 1790 e 1830, foi o maior porto escravista das

Américas e possuía uma sociedade extremamente dependente do trabalho escravo. No entanto, mudanças consideráveis começaram a se delinear nas primeiras décadas do século XIX. Enquanto o país incrementava cada vez mais seus laços com o comércio de almas, as cidades brasileiras se tornavam progressivamente “cidades negras”, e as plantations no Sudeste crescentemente africanas. O período também ficou marcado pelos constantes embates em torno do fim do comércio transatlântico. E a projeção do fim do tráfico transatlântico de escravizados, que se discutia no Brasil desde pelo menos 1815 e que ganhava força no pós-1822, assombrava não só os senhores laicos, mas também os religiosos.

Registros paroquiais, inventários, documentos burocráticos beneditinos apontam que os monges aderiram a “corrida” senhorial por mão de obra escravizada e continuaram investindo na escravidão mesmo em um cenário de incertezas. Entre os anos de 1829 e 1835, os beneditinos adquiriram, no mínimo, 40 africanos, distribuídos entre as suas três principais fazendas: Campos, Camorim e Iguassú. Boa parte desses africanos ainda eram muito jovens, e foram adquiridos pelos tumbeiros do maior traficante de escravizados da praça do Rio de Janeiro, Joaquim Antônio Ferreira. Ele e seu irmão, João Antônio Ferreira, atuaram, principalmente, na África Centro-Ocidental (Congo e Angola), e traficaram mais 30 mil escravizados, na primeira metade do século XIX. Deste modo, a presente comunicação tentará demonstrar como o destino destes africanos recém-chegados às fazendas beneditinas, dos monges e destes grandes traficantes de escravizados estavam entrelaçados, ainda em posições sociais completamente distintas.